

〈Resumo〉

## **Uma etnografia não-reconhecida : *A cidade das mulheres*, de Ruth Landes**

**Yoshiaki FURUYA**

*A cidade das mulheres*, livro da antropóloga norte-americana Ruth Landes (1908–1991), a respeito dos candomblés da Bahia no final da década de 1930, foi publicado em 1947, em inglês. Por muito tempo, o trabalho não foi reconhecido como uma etnografia científica legítima na antropologia hegemônica. Depois de tantos anos ignorado, o livro foi redescoberto e reconhecido por antropólogas feministas norte-americanas, na década de 1990.

Este artigo pretende examinar os processos de desqualificação e revalorização da obra, tendo em vista duas questões : primeiro, a avaliação do livro como uma etnografia dos candomblés baianos daquela época ; e, segundo, as temáticas antropológicas levantadas dentro do debate em torno do livro. Para tanto, são focalizados quatro assuntos : 1) a normalização e a institucionalização ; 2) gênero e sexualidade ; 3) pesquisa de campo e etnografia ; e 4) raça e cultura.

Landes seguiu para o Brasil em 1938, a fim de realizar uma pesquisa de campo sobre as relações raciais. Acabou fixando-se em Salvador, Bahia, e pesquisou os candomblés, visitando os terreiros por quase meio ano, acompanhada por um jovem pesquisador, Édison Carneiro, que a ajudou, pois era um estudioso e conhecedor dos candomblés, e, ainda, um amigo e amante fiel.

*A cidade das mulheres* contém não somente os dados etnográficos sobre os cultos e os adeptos, mas também a crônica de vida da pesquisadora. A argumentação principal desse livro já foi publicada em 1940, em duas revistas acadêmicas. Duas observações, o “matriarcado” na liderança dos terreiros

de candomblé e a presença da homossexualidade masculina entre os líderes dos terreiros “degenerados”, foram sublinhadas por Landes e severamente criticadas por duas figuras então centrais dessa área de estudo, Arthur Ramos e Melville J. Herskovits.

Um dos motivos pelos quais os dois antropólogos acusaram o trabalho de Landes foi a possível ameaça que o argumento dela causaria para o ambicioso projeto deles : a normalização do candomblé como fenômeno cultural adequado para uma antropologia moderna, e a consolidação dos estudos antropológicos das culturas afro-americanas focalizando sua raiz africana. Os dois atacaram também o lado pessoal da pesquisadora, ou seja, seu relacionamento amoroso com o Édison Carneiro. Enfim, ela foi expulsa dos estudos das religiões afro-brasileiras e, por extensão, passou a ser marginalizada no mundo da antropologia profissionalizada. Sem dúvida, o ataque moral sofrido por Landes deve ser condenado e sua honra recuperada.

Nos anos 1990, o trabalho de Landes ficou revalorizado como precursor de uma etnografia pós-moderna, que dá a devida atenção a assuntos como *gênero*, *sexualidade* e *raça*, e experimenta uma variedade de estratégias literárias para descrever a realidade. *A cidade das mulheres*, sem dúvida, possui diversos componentes antropológicamente valiosos, que foram indevidamente reprimidos dentro do discurso normativo da antropologia.

Este artigo, porém, revela também vários pontos que poderiam ser questionados nesta revalorização : 1) em relação à questão de raça, Landes praticamente acabou endossando a tese da “democracia racial” ; 2) o estilo da sua pesquisa não foi tão avançado como admitido por Cole, que sublinha seu caráter reflexivo ; 3) Landes deseja controlar o andamento da pesquisa, evitando envolver-se em coisas imprevisíveis ; por exemplo, ela não quis uma conversa desenfreada com um espírito caboclo arrogante.

Além do mais, este artigo levanta dois pontos importantes negligenciados : 1) ao longo do livro, pode-se perceber uma postura reformista de Landes, que deseja melhorar a sociedade norte-americana, incluindo o relacionamento entre mulheres e homens ; 2) o livro contém várias conversas que Landes teve com Carneiro e outros brasileiros, o que pode ser lido como um documentário de “negociações” em relação às diferenças culturais entre os Estados Unidos e o Brasil.